

ESCRITA DE SINAIS: Elemento essencial na ampliação da comunicação e expressão do surdo no ensino aprendizagem de Libras?
WRITING SIGNS: Essential element in expanding communication and expression of the deaf in teaching learning Libras?

MARIA DO SOCORRO DE SOUSA PEREIRA OLIVEIRA-UFPI
socorrooliveira2009@hotmail.com

MARIA GABRIELA DE SOUSA OLIVEIRA-UFPI
gabimenta2006@gmail.com

RESUMO: A Linguagem estar em constante evolução devido a necessidade de uma comunicação significativa que ingressasse o homem em uma sociedade. Um dos maiores avanços foi a criação da escrita, que proporciona até hoje, aos usuários se expressar espontaneamente. Em relação ao povo surdo usuário de uma língua de sinais, vários pesquisadores criaram sistemas de notação de sinais que oportunizaram ao surdo a possibilidade de ter uma fluência no que é considerado sua língua natural. A pesquisa visou analisar a contribuição da escrita de sinais e seus reflexos no ensino e aprendizagem do surdo. Para a concretização deste estudo realizou-se análise em livros e artigos de autores renomados como: Barreto(2015), Stumpf(2005), Wanderley(2015) dentre outros. Quanto a abordagem a pesquisa é de natureza qualitativa de cunho bibliográfico. Com base nos aspectos observados é imprescindível que todos envolvidos na educação dos surdos se conscientize da importância da aquisição da escrita de sinais para formação cognitiva, pois a aquisição da escrita de sinais pode ocorrer simultaneamente à aquisição da língua de sinais, uma completando a outra. Abordarmos esse tema, para despertarmos na sociedade a existência e importância da escrita de sinais para a valorização e reconhecimento de uma língua. Pois a escrita funciona como suporte na comunicação sendo facilitador no processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Escrita de sinais. Aprendizagem. Surdo.

ABSTRACT: Language is constantly evolving because of the need for meaningful communication that joins man in a society. One of the greatest advances was the creation of writing, which gives users the opportunity to express themselves spontaneously. In relation to the deaf people who use a sign language, several researchers have created systems of notation of signals that gave the deaf the possibility of having a fluency in what is considered their natural language. The research aimed to analyze the contribution of writing signs and their reflexes in the teaching and learning of the deaf. For the accomplishment of this study, we have analyzed books and articles by renowned authors such as Barreto (2015), Stumpf (2005), Wanderley (2015) and others. Regarding the approach, the research is qualitative in nature with a bibliographic character. Based on the observed aspects it is imperative that everyone involved in the education of the deaf becomes aware of the importance of acquiring sign writing for cognitive training, since the acquisition of sign writing can occur simultaneously with the acquisition of sign language, one completing the other. Let us approach this theme, in order to awaken in society the existence and importance of writing signs for the appreciation and recognition of a language. Because

writing functions as support in communication and facilitates the process of teaching learning.

Keywords: Sign writing. Learning. Deaf.

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) durante muito tempo foi considerada uma língua sem escrita, ou seja, ágrafa. Por um longo período os gestos, as mímicas e outras formas de expressões simbólicas (assim denominadas) era o meio de comunicação usada pelos surdos. No entanto a escrita que a maioria dos surdos tinham acesso era oriunda da língua oral utilizada pelos usuários majoritários do país, ou seja, dos ouvintes.

Segundo Stumpf (2005) a criação da escrita de sinais foi interrompida ao longo dos anos por consequência da exclusão da língua de sinais, tardando sua criação e evolução. Documentadamente se desconhece o desenvolvimento natural da escrita de sinais, os surdos por alguma razão, permaneceu algumas décadas usando a sinalização informal, adquirida no dia a dia. Diante desses fatos torna-se difícil o encontro de registros escritos anteriores em língua de sinais por surdos.

O interesse pela temática surgiu durante o período de estágio supervisionado do curso Letras Libras, realizado em escolas com alunos surdos matriculados, e que os mesmos são submetidos ao ensino em que a língua portuguesa se faz presente, e a partir dos estudos sobre a importância da escrita de sinais para o surdo na disciplinas na graduação, surgiram alguns questionamentos: Porque o ensino aprendizagem do surdo se dá somente na modalidade oral auditiva, sendo que a maioria dos surdos é usuário de uma língua de modalidade espaço visual? Sendo ambas totalmente oposta. Como é aceita a escrita de sinais pelo surdo? A aprendizagem da escrita de sinais é importante para o ouvinte quanto para o surdo?

A pesquisa intitulada, ESCRITA DE SINAIS: Elemento essencial na ampliação da comunicação e expressão do surdo no ensino aprendizagem de libras? Objetiva analisar a contribuição da escrita de sinais e seus reflexos no ensino e aprendizagem do surdo. Evidenciando a escrita como fonte de registro para a identidade surda.

Após, estudos na segunda graduação com a disciplina de escritas de sinais, surgiu o interesse em ampliar o conhecimento nessa área tão significativa para

surdos, quanto para educadores que buscam expandir sua formação pedagógica, objetivando contribuir na inclusão do indivíduo surdo na sociedade. É também de suma importância abordarmos esse tema, para despertarmos a sociedade do direito que o sujeito surdo tem em usufruir de uma escrita própria de sua comunidade, já que dispõem legalmente de sua Língua materna.

Como aporte teórico optou-se pelos autores: Barreto (2015), Stumpf (2005), Quadros(2007), Gesser (2009) e outros. Nesse sentido buscamos novas metodologias para formar aprendizes competentes, habilitados a adequar o uso da língua e escrita de sinais as mais diversas situações.

Para a concretização deste estudo realizou-se uma análise em livros e artigos que retratem o tema escrita de sinais, uma vez que o sujeito da pesquisa é indivíduo surdo. Quanto a abordagem é qualitativa, por proporcionar uma compreensão ampla do contexto, possibilitando criar uma base de conhecimento. Segundo Godoy (1995) o uso dessa abordagem favorece obter conhecimento de interesses amplos, compreender o fenômeno segundo a perspectiva dos sujeitos da situação em estudo. A pesquisa bibliográfica visa refletir os principais estudos sobre a escrita de sinais. Os quais contribuirá para a realização da pesquisa de forma descritiva. Conforme o conceito de Gil (2001) que quando se elabora um trabalho com base em fontes secundarias e se utiliza das informações dos autores sobre determinado assunto esta pesquisa se caracteriza por bibliográfica.

REVISÃO DE LITERATURA

Evolução da escrita de sinais

A importância da aquisição da escrita de sinais pelos surdos ou ouvintes, vem sendo tema de discussão por vários especialistas, mestres e doutores do assunto a bastante tempo onde podemos citar Stumpf(2005), Wanderley(2015), Barreto(2015), Dallan(2010) e Falcão(2017).

A primeira escrita de sinais surgiu em Paris por um educador francês Roch Ambroise Auguste Bébien (1789-1839). Que afirmava a importância da escrita de sinais, como elemento na construção de sentido e significado da língua de sinais.

Bébian já havia identificado a incompatibilidade do ensino sem o registro gráfico da língua em estudo. Mesmo assim ele não conseguiu evoluir com suas ideias revolucionárias, a invenção da escrita de sinais. A qual era composta de quatro elementos precisos que foram configuração de mãos, locação, movimento e expressão facial. Conforme Wanderley(2015) Ambroise deixou possibilidade de um possível retorno, através dos registros em sua obra Mimographie e outros grafemas.

Auguste Bébian – 1825

Caractères de la Main				Caractères des Diverses parties de la tête et du Corps		Caractères des Mouvemens	
1	2	3	4	1	2	1	2

Figura 1. Grafemas utilizados na Mimographie.

<https://pt.slideshare.net/alexandrosado/apresentao-marianne-stumpf>

Barreto (2015) e Wanderley (2015) relatam em suas obras as notações criadas para formação de registros das línguas de sinais escritas, após os métodos para transcrição fonética de língua de sinais produzidas por Ambroise. As futuras anotações foram de suma importância para a formação da escrita atual. Stokoe um linguista e pesquisador norte americano e Bébian tinham semelhança nas suas linhas de pensamentos em relação aos parâmetros formadores de sinais, das cinco abordadas por Auguste, Stokoe descreve três: configuração de mão, localização e movimento.

O norte-americano Willian C. Stokoe (1919-2000) linguista e pesquisador, constatou a necessidade de uma escrita própria no registro da American Sing Language (ASL), ou seja, Língua de Sinais Americana, por isso desenvolveu um sistema na tentativa de representar graficamente cada fonema da língua. Tornando-

se conhecida como sistema de notação de stokoe. Ele foi o pioneiro a reconhecer as línguas de sinais como língua natural. Este sistema distingue parâmetros formadores de sinais, como a configuração de mão, localização e movimento.

Notação de Stokoe – 1960

	A	Punho fechado		I	Como "I"
	Δ	Punho fechado, polegar estendido		K	Como "K"
	B	Mão plana		3	Como "3"
	B̄	Como "B" mas dedos curvos		R	Como "R"
	5	Dedos estendidos como "5"		V	Como "V"
	C	Mão curvada como "C"		W	Como "W"
	E	Mão contraída		X	Índice curvo
	F	Como "F"		Y	Mínimo e indicador estendidos
	G	Indicador aponta		8	Médio e polegar em contato
	H	Indicador e médio apontam (antiga forma do "H")			

Figura 2. Configuração de mão. <https://pt.slideshare.net/alexandrosado/apresentao-marianne-stumpf>.

Na Universidade de Hamburgo na Alemanha, Prillwitz e Vollhaber, juntamente com seus colaboradores inventou um sistema de notação fonética, com base na notação de Stokoe, para uso de linguista, não de escrita para uso cotidiano, seu sistema foi objeto de diversas versões para informática.

Hamnosys – 1989

		Punho fechado			Punho fechado, polegar estendido
		Mão plana			Punho fechado, polegar dobrado
		Punho fechado, indicador estendido			Mão dobrada
		Punho fechado, indicador e médio estendidos			Mão arredondada
		Punho fechado, indicador e médio em V			Quatro dedos dobrados
		Mão em 4			

Figura 3. Notações de Hamnosys. <https://pt.slideshare.net/alexandrosado/apresentao-marianne-stumpf>

No sistema D'sing Poul Jouison(1948-1991) idealizava ampliar a proposta de Stokoe, aplicando o método a língua de sinais Francesa, mas faleceu antes. Já François Neve, pesquisador da universidade de Liège na Bélgica, desenvolveu um sistema, a partir do sistema de Stokoe (1960). Sua escrita foi informatizada, feita em colunas verticais de cima para baixo, no caso do uso das duas mão apresentava duas colunas.

Sistema D` Sign de Paul Jouison – 1990

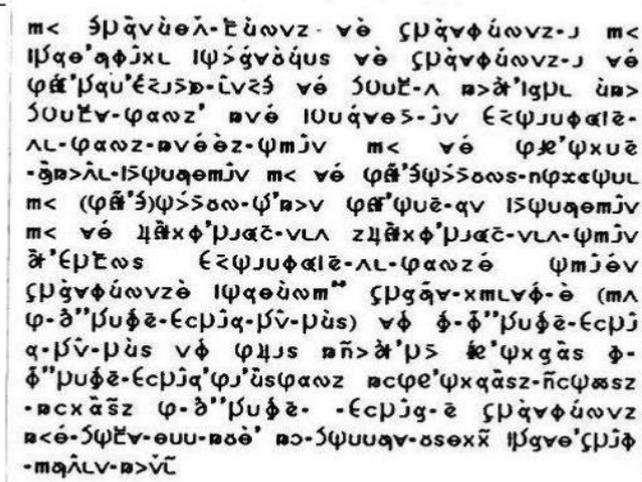


Figura 4. Texto escrito em D¹Sing . <https://pt.slideshare.net/alexandrosado/apresentao-marianne-stumpf>

Notação de François Nève – 1996

1-2-3-4-5-20		Como em dactilologia	
A-B-C-D-E-F-G-I-L-M-N-O	P-Q-R-S-T-U-V-W-X-Y-Z		
Σ	Bico de pardal	Σ	Asas de águia
┌	Cabeça de elefante	≡	Garra de urso
	Pinça)	Colher
○	Chave		Plano
└	Prego	B	Colina
└	Pistola	∞	Cabrito
¥	Cornos	+	Percevejo
∞	Lhama	⌘	Bico de pato
<<	Duplo colchete	Σ	Gueia de crocodilo

Figura5. Notações de neves <https://pt.slideshare.net/alexandrosado/apresentao-marianne-stumpf>

Entre os sistemas apresentados anteriormente, várias propostas de representação da escrita de sinais demonstraram que a maioria das produções tem se concentrado em introduzir um sistema de escrita que atenda a necessidade dos surdos e valorize o aspecto visual. Nesse sentido Barreto(2015) afirma que grande parte desses sistemas exigiam bastante treino, não são adequados para uso diário, por não proporcionar uma compreensão clara em sua codificação. Alguns só são usados pelos próprios criadores, outros foram objetos de estudos como a notação de Bébian e Stokoe por pesquisadores de alguns países.

O Brasil tem em fase de desenvolvimento quatro representação gráfica para a Libras, a Escrita de Língua de Sinais (ELiS), o sistema SignWriting (SW), o Sistema de Escrita da Libras (SEL) e a Escrita Visogramada das Língua de Sinais (VisoGrafia).

A Dra. Mariângela Estelita é criadora do sistema escrita das línguas de sinais (ELiS), a escrita é linear da esquerda para a direita, o sistema adotou os parâmetros identificados por Stokoe, acrescentando mais um, a orientação da palma e um diacrítico, ou seja orientação das pontas dos dedos.

Texto 1 (traduzido palavra a palavra):

l. ⁺ω³∂¹ (Adilson), .l.v.λ²∂¹ (Luís Antônio)

//<Γ¹¹Φ∂ (lugar) lN¹λ¹∂¹ (flor) -l.v.Φ→ (espaço) -l.v.ΦT¹ (tem)
 \. ⁺ω³∂¹→ (gato) //...lTTΦO (brincar) .ll. ^v-l.v.ΛΔμ¹∂¹- (pular) .ll.v.Ω∂¹
 (ver) //<lTTλ¹∂¹ (borboleta) <ΓvΦ∂¹ (pegar) //l. ⁺∑←→ (mas) -l. ⁺ω³∂¹-Ω¹
 (não-conseguir) // -lTT¹∂¹∂¹ (borboleta voar) // -l⁺μμT∂¹ (fugir) \. ⁺ω³∂¹→
 (gato) // .⁺)¹²→- (puxa!)

lN¹l .lll. (FIM)

Texto 1 (tradução livre para o português):

Adilson e Luís Antônio

Em um jardim, um gato estava brincando e pulando quando viu uma borboleta.
 Foi para pegá-la, mas não conseguiu. A borboleta saiu voando, fugiu.
 O gato falou:
 - Puxa!

FIM

Figura6. ELiS Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática

A escrita o Singwriting (1974) popularizado por Valerie Surtton, que a princípio criou um sistema de notação para registro de dança, mas acabou se tornando um sistema de escrita de sinais, após reelaboração. Tornou-se um dos mais utilizados pela comunidade surda. O mesmo faz uso de relações espaciais de seus grafemas

em uma caixa bidimensional para representar cada sinal. Os sinais são escritos em colunas verticais de cima para baixo, os grafemas são organizados de acordo com a estrutura do corpo humano. Facilitando a coerência e coesão visual das línguas de sinais.

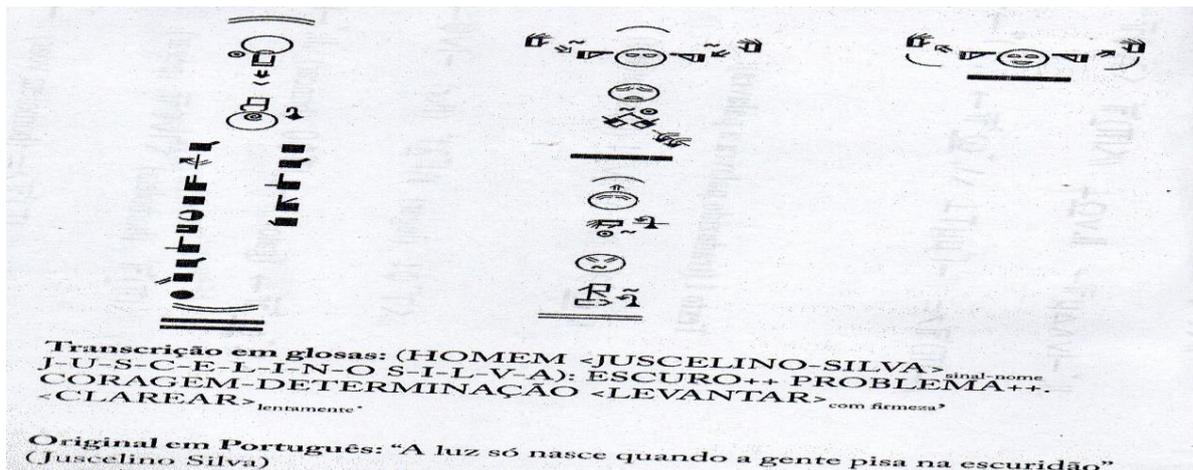


Figura7Do livro Escrita de Sinais sem mistério.Barreto(pág.59)

O SEL é um sistema de escrita das Línguas de Sinais, de base alfabética e linear. Este sistema foi criado desde abril de 2009, quando foi proposto um projeto de pesquisa de Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira. Ele grafa três elementos específicos das LS, que são: mão (configuração e orientação da palma), a locação e o movimento.

A escrita VisoGrafia das línguas de sinais é um sistema que vem se desenvolvido desde 2016, passou por mudanças na pesquisa de doutorado de Claudio Alves Benassi, foi idealizada e constituída a partir da junção dos elementos simples e visuais do SW e da ELiS, como propósito de oferecer um sistema de escrita que contribua na escrita e leitura e seja de fácil aprendizagem.

No Brasil duas escritas fazem parte do estudo de Valeria Sutton conforme cita Wanderley(2015,p. 42-43):

Existem duas escritas de sinais aqui no Brasil que fazem parte de estudos da autora dinamarquesa Valeria Sutton, cuja escrita é denominada SingWriting,[...] que tem crescimento pelo Brasil e também por outros países e é muito utilizada pelo surdo. A outra, a ELIS, elaborada pela autora brasileira Mariângela Estelita, que só se desenvolve em Goiás, no Brasil, com pouca projeção.[...]

Dessa forma é importante ressaltar que apesar de termos um quarteto de escrita de sinais em uso no país, não significa que a escrita esteja completamente aceita por toda comunidade surda, mas representa uma importante evolução linguística para a comunidade, fomentando a possibilidade de consolidar uma escrita visual direta de sinais no Brasil. Favorecendo na construção de registros históricos sobre a cultura e identidade surda.

Com base no contexto deve-se refletir sobre os pensamentos do professor Tarcísio Leite (2009, p.54) exposto por Wanderley (2015, p.41):

A humanidade descobriu uma forma de fazer um registro da língua, isto é, de tornar a língua permanente. As marcas que hoje aparecem no computador e no papel, e que antigamente apareciam no papiro no barro, nas pedras, fazem com que as palavras da língua não deixem de existir tão logo sejam anunciadas. A língua é capaz de durar, na escrita, infinitamente mais do que na fala.

Diante do relato exposto, percebe-se uma necessidade constante do homem em evoluir nos meios de comunicação, em busca de algo que eternize a fala. Assim os sujeitos surdos também lutam para tornar suas sinalizações imortais, através de uma escrita que traga benefícios que preceda a própria escrita, como as habilidades distintas de ler, percepção e reflexão de mundo.

Nesse sentido Silva (2008) enfatiza a escrita de sinais como um elemento contribuinte das funções racionais. Por ser um recurso semiótico que só tem a contribuir com o desenvolvimento cognitivo e de registro de ideias de uma comunidade que busca por uma escrita com características própria de sua cultura.

A língua escrita é um recurso semiótico capaz de impulsionar positivamente o desenvolvimento do pensamento, motivo pelo qual é imprescindível para o registro, sistematização e armazenamento de ideias, valores, conceitos, formas de ser e agir. É também um canal aberto ao conhecimento por meio da prática da leitura. Levar a termo uma proposta educacional que não consegue tornar os aprendizes surdos competentes no manejo da leitura e da escrita é impor-lhes uma condição desvantajosa em relação aos educandos ouvintes (SILVA, 2008, p. 20).

Com base na afirmação acima são inúmeras as vantagens de uma escrita numa língua, desde ao despertar as habilidades cognitivas, ao registro de ideias e valores. Aprender escrever a sua própria língua é abrir caminhos para novos mundos. Por isso o ensino não pode ocorrer de forma fragmentada, com estrutura oposta a sua

compreensão. Impor uma escrita a um sujeito surdo com percepção oposta a de um ouvinte no mesmo sistema de leitura e escrita é desconsiderar seus direitos de cidadão. Pois o mesmo não conseguiu assimilar uma escrita que é resultante de uma língua oral. Levando o surdo a ser um analfabeto funcional.

O USO DA ESCRITA DE SINAIS NO BRASIL

Conforme Gesser,(2009) a Libras deixou de ser uma língua ágrafa, logo após a popularidade do sistema de escrita, criado por Valerie Sutton, nos Estados Unidos. E aqui no Brasil a implantação da escrita começou por volta do ano de 1996 quando um grupo de pesquisadores coordenado por Antônio Carlos da Rocha desenvolveu um projeto objetivando a alfabetização de crianças surdas, que sinalizavam. Elas foram expostas ao sistema de escrita Singwriting e mostraram facilidade na compreensão da escrita.

Em nosso país o sistema de escrita Singwriting passou a ser bastante usada, após a pesquisa orientada por Dr. Antonio Carlos da Rocha Costa, da PUC do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, que compôs um grupo de trabalho com a pesquisadora surda Marianne Stumpf e com a professora Marcia Borba. Despertando o interesse de algumas escolas pelo sistema, como a Escola Especial Concórdia, de Porto Alegre, e a Escola Hellen Keller, de Caxias do Sul -RS, que já deram início ao trabalho com *signwriting*. Também por ser uma escrita visual direta, que possibilita uma rápida associação com os respectivos fonemas. Em 2006, o Singwriting foi reconhecido pelo comitê do International Organization for Standardizations(ISO) como escrita das línguas de sinais. Passando a ser incluído no Registro das Escritas do Mundo, logo depois ganhou status linguístico dessa língua. Mas não há documentos legais que reconheçam o sistema de escrita de sinais aqui no Brasil, o sistema ainda está em fase de desenvolvimento e em processo de padronização.

Coutinho (2015, p. 24) compartilha do mesmo pensamento de Gesser(2009). Quando afirmando que:

A Libras já tem uma escrita própria, mas é um sistema novo e ainda em construção. A ausência deste sistema fez com que os surdos se utilizassem do mesmo sistema de escrita utilizado pelos ouvintes. Com isso, quando querem soletrar os nomes de pessoas, lugares, objetos, etc., eles usam uma

“tradução” em sinal de alfabeto em vigor.

Mediante a afirmação agora o surdo tem a oportunidade de escrever em sua própria língua, pois essa escrita favorece a um aprofundamento linguístico, possibilitando uma aprendizagem rápida, levando ao surdo ter uma compreensão mais rápida da segunda língua o português.

Thomas(2014) corrobora a afirmação acima quando diz que a partir de 2014 no novo documento de Educação Bilíngue dos Surdos do Ministério da Educação e Cultura (MEC) Relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº1.060/2013 e nº91/2013, contendo subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa diz que a criança surda deve adquirir aprendizagem pela escrita de sinais em nosso país.

Este documento tem como propósito elaborar subsídios para a política nacional de educação bilíngue, contendo orientações para formações inicial e continuada de professores para ensino de Libras e língua portuguesa como segunda língua. O documento foi elaborado por membros de entidades nacionais e especialistas que tenham contribuições relevantes na discussão, entre eles estão representantes da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS; Ministério da Educação - MEC; instituições federais de ensino superior-IFES; Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES; União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação - UNDIME; e Conselho Nacional de Secretários de Educação - CONSED.

Nesse sentido ver-se que o Brasil está refletindo melhor quanto a participação do surdo com cidadão. Partindo da ideia que a Libras é reconhecida como meio de comunicação e expressão podendo usufruir de outros recursos de expressão a ela associados. Mas não permite substituir a modalidade escrita da língua portuguesa. Segundo a lei 10.436/02.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. [...] Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Sem dúvida essa escrita é algo significativo, um bem cultural que desempenhará um importante papel no processo de aquisição da escrita. Mas aos poucos está ganhando espaço. A vigésima quarta Declaração Universal dos Direitos

Linguísticos conservar os direitos dos surdos. Como pode ser observado no Artigo 24, Thomas et al(2014):

Artigo 24:

- a. Facilitação do aprendizado da língua de sinais e promoção da **identidade linguística da comunidade surda; e**
- b. Garantia de **que a educação de pessoas, inclusive crianças cegas, surdo cegas e surdas, seja ministrada nas línguas e nos modos e meios de comunicação mais adequados às pessoas e em ambientes que favoreçam ao máximo seu desenvolvimento acadêmico e social. (grifo nosso)**

Diante de tudo que foi exposto acima podemos afirmar que apesar da escrita ainda não ser reconhecida oficialmente. A aquisição da escrita em língua de sinais leva o aluno com surdez descobrir novos mecanismos para a construção de teorias próprias sobre o mundo que o cerca, uma vez que a escrita complementa os conhecimentos já construídos no discurso do sujeito em suas interações, socialmente. Também é reconhecida por vários pesquisadores, pelo MEC que aceita a implantação da disciplina escrita de sinais na grade curricular no curso Letras Libras e pelo sujeito da questão o próprio surdo. Contribuindo assim para que ela possa evoluir e se desenvolver na mesma proporção da língua.

Aquisição da escrita na construção de entendimento da Libras

A escrita de sinais é uma habilidade essencial da ação cognitiva que requer esforço, estimulando sua criatividade e facilita aprendizagem, ela vai além da ação motora. Permite também o registro da vivência de povos e gerações passadas, possibilita a recuperação do conhecimento e da própria história. São inúmeras as contribuições da aquisição da escrita de sinais tanto para o surdo quanto ao ouvinte. (BARRETO,2015.)

Além disso Barreto (2016) especifica algumas das aplicações e benefícios da escrita de sinais. Permite ao surdo expressar-se livremente, revelando sua fluência na língua de sinais e ajuda a desenvolver a comunicação. Pode ser usada em qualquer disciplina escolar, Além de permitir a leitura e escrita em línguas de sinais em qualquer lugar tendo como recurso apenas papel e lápis, a sua aquisição também facilita a aprendizagem da segunda língua o português.

A linguagem tem formas de expressões por meio da escrita, da fala e dos sinais. O sujeito surdo pode se expressar através da Libras e escrita de sinais simultaneamente, uma complementa a outra. Mas são submetidos a usar uma escrita que não tem relação com a língua de sinais, as duas possuem estruturas diferentes. Dificultando a assimilação da escrita que é resultante de uma língua oral.

Os surdos representam como fracasso a educação que recebem. Poucos chegam ao ensino médio, pouquíssimo à universidade, e contam-se nos dedos pesquisa produzidas por surdos. A maioria, depois de muitos anos de escola, sai dela como um analfabeto funcional. (RANGEL & STUMPF, 2004, p.3. Apud Wanderley,2015).

Nesse sentido, ocorre um ensino mecanizado, um faz de conta, onde o aluno surdo é submetido a um desenvolvimento educacional descontextualizado. Faltando uma linguagem comum entre professor e aluno. Dificultando a construção de significado para sua aprendizagem.

É interessante destacar que os surdos têm características culturais que marcam seu jeito de ver, sentir e se relacionar com o mundo. Mas isso não diz que eles não compartilhem de outras culturas. Os elementos que marcam essa cultura são sua forma de ler o mundo, comunicação espaço-visual, língua de sinais e sua escrita que está em desenvolvimento.

O ensino aprendizagem do surdo ocorre de forma errada quando ele processa o seu pensamento em língua gestual e transcreve traduzindo para o português escrito, transformando os sinais em palavras com significados próximos, prejudicando a coerência e coesão textual, por falta de compreensão das estruturas gramaticais de ambas as línguas. A aprendizagem das duas precisa acontecer no sentido de uma complementando a outra, pois a escrita de sinais pode trazer recursos importantes para a melhor aquisição na segunda língua, no português escrito.(DARLLAN,2009)

No momento muitos surdos vivem em situações de letramento constantemente, conhecem ou sabem que é possível escrever em Libras. Alguns deles foram alfabetizados em português e continuam ativos lendo e escrevendo em português. Mas possuem dificuldades em ter seus textos compreendidos por ouvintes, por sua sintaxe acompanhar a língua de sinal. Contudo os surdos letrados ou não sabem que os documentos escritos lhes garantem direitos em sociedade. Nesse sentido

compreende-se que a escrita de sinais deva surgir como um elemento de expressão da sua cultura. (BARROS,2008;FALCÃO,2017).

No processo de educação do surdo deve-se respeitar a característica visual do surdo, mas não significa que tudo deva ser somente imagem. Tem que se observar como é processada a informação na mente das pessoas que se apropria do conhecimento através da visão, como ocorre a relação do significante com o significado sem que veja a imagem. (WANDERLEY,2015)

DISCUSSÃO

Os profissionais da pesquisa Barreto (2015), Stumpf(2005), Wanderley(2015), Silva(2009), Dallan(2012) e outros possuem formação acadêmica nas diferentes áreas do conhecimento, mas todos tem algo em comum o conhecimento em Libras e a preocupação com a informação que o surdo recebe do meio em que vive de forma inadequada por ser submetido ao ensino totalmente oposto a sua percepção visual.

Após muitas leituras em artigos (Dallan,2012; Nobre,2011) teses de mestrado e doutorado (Sturpf,2005; Silva,2009) e livros (Barreto, 2015; Wanderley,2015; Gesser,2009) pode-se perceber que os mestres e doutores buscam fazer com que a educação do surdo seja voltada para sua inclusão não só na escola, mais em todo meio social. Reivindicando pelo uso da escrita de sinais nos diversos meios de informações da sociedade. Como já ocorre em alguns estados brasileiros, como pode ser visto na biblioteca pública do Amazonas.

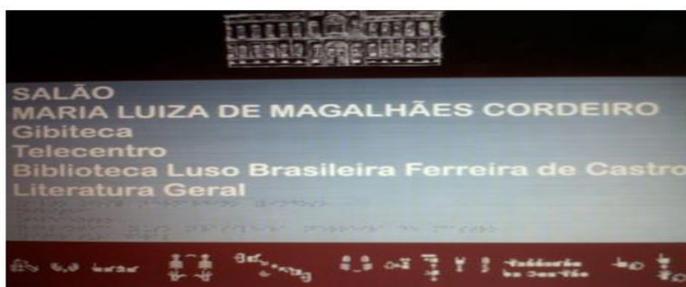


Figura8 placa em escrita de sinais na biblioteca pública do Amazonas.

A escrita é usada por poucos integrantes da comunidade surda. Nesse sentido é fundamental que os surdos não só compartilhem da mesma língua mas também do mesmo código escrito. Daí a importância da participação de estudiosos,

pesquisadores e educadores no processo de propagação e consolidação da escrita. Mediante o contexto Wanderley(2015) relata que essa exposição da escrita de sinais ao público favorece ao reconhecimento linguístico e respeito à língua de uma comunidade.

Podemos afirmar que o Brasil não reconhecer legalmente uma escrita de sinais, mas vem permitindo que o campo da escrita de sinais seja disseminado nos cursos de formação, de graduação em Letras Libras Licenciatura e Bacharelado da maioria das universidades brasileiras. O sistema signwriting é adotado na maioria das universidades brasileiras. A ELiS é divulgada nas Universidades Federais de Goiás(UFG),na Grande Dourados (UFGD). Na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), a VisoGrafia⁵ foi adotada como a escrita de sinais. Segundo Costa (2018)Apud Barbosa (2017); Benassi (2017).Quanto a SEL não encontrado registro sobre sua adoção em Universidades.

Com a leitura feita ao trabalho de Stumpf (2009) que retrata a escrita de sinais II, perceber que ela defende a ideia que as crianças surdas precisa ser incluída no meio escolar desde muito cedo, para que possa adquirir a linguagem ao mesmo tempo que as crianças ouvintes. Ambas são iguais quanto ao seu desenvolvimento cognitivo. Quanto mais cedo as crianças forem expostas ao mundo da linguagem sinalizada e sua escrita ela expressará com mais rapidez suas ideias graficamente, demonstrando sua compreensão no contexto.

Para cada faixa etária tem que surgir metodologia diferenciada, com aulas planejadas e atividades de acordo com o desenvolvimento de cada grupo, mas a aprendizagem deve ser de forma natural e prazerosa, abrindo espaço para introdução da escrita, devendo ter a preocupação em motivar as competências linguística inata do indivíduo.

Em sua tese de doutorado Marianne Stumpf (2005) destaca algumas funções específicas da escrita de sinais, mostrando que ela facilita na comunicação à distância, contribui para o registro de fatos passados, agendar atividades e fazer anotações utilizando apenas lápis e papel. Além disso ela sugere a incorporação da escrita de sinais ao currículo da educação para que realmente ocorra uma educação eficaz onde o surdo possa usufruir de um processo racional e efetivo.

Devemos lembrar que Barreto (2015) corrobora deste mesmo pensamento quando destaca algumas aplicações e benefícios da escrita de sinais. A mesma

permite ao surdo expressa-se livremente, ao contrário da escrita da língua oral; Aumenta o status social da língua; Ajuda a melhorar a comunicação, contribuindo com o desenvolvimento cognitivo, estimulando a criatividade, organizar seus pensamentos e facilitando sua aprendizagem, podendo ser usada em qualquer disciplina escolar ou universitária, permitindo um trabalho mais consistente com possibilidades de acesso a todo conhecimento. Estas são algumas das inúmeras funções da escrita.

Após a leitura minuciosa na pesquisa de Dallan(2012) que mostra alternativas de ensino que proporciona ao surdo mostrar seu potencial cognitivo, linguístico e político cultural. Constatamos que ela compartilha das mesma ideias dos autores abordados anteriormente Ela ratifica que o sujeito surdo quando exposto a um processo ensino aprendizagem da escrita de sinais mais longo, o aluno tem maiores possibilidades de produção de textos mais completos, o processo de tradução escrita flui livremente, exigindo um esforço intelectual menor.

Um ponto a destacar são as observações que Dallan(2009) faz em situações que podemos usar a escrita: Em dicionários, jogos temáticos, jogos de fixação, palavras cruzadas, tradução de textos didáticos, tradução de clássicos literários. O uso diário destas ferramentas contribui significativamente para o avanço da leitura e escrita de sinais. Dallan (2009) afirma em sua pesquisa que a escrita visual é adequada a escrita de Libras, por ser um substrato psicológico totalmente compatível.

A comunidade surda também sentiu a necessidade de poder usufruir de uma língua e escrita natural. Mais apesar de muitas tentativas na criação de uma escrita que representasse a língua visual, tiveram seu processo de busca e criação interrompido bruscamente por muito tempo. Logo após o congresso de Milão que foi uma conferência internacional de educadores de surdos, no qual declararam que a educação oralista era superior à de língua gestual e aprovou uma resolução que proibia o uso da língua gestual nas escolas.

Após a pesquisa constatamos que a linguagem escrita é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento intelectual do homem, tendo em vista as dificuldades sofridas pelo surdo em conquistar seu espaço social como cidadão. Durante a pesquisa não encontramos nenhum registro escrito pelo surdo, que representasse a história da sua comunidade. Portanto precisamos urgentemente mudarmos essa realidade, difundindo a escrita de sinais, aumentando os números de

conhecedores e usuários dessa ferramenta. Despertando o interesse de estudiosos e pesquisadores de diversas áreas em compreender a importância da consolidação da escrita de sinais no Brasil.

CONCLUSÃO

Mediante o estudo feito sobre a escrita de sinais pudemos perceber que ainda há muito o que conhecer neste campo linguístico, mas podemos afirmar que a pesquisa foi satisfatória temporariamente, por proporcionar um conhecimento amplo, onde se pode constatar o quão é fundamental inserir o surdo no mundo das letras o mais cedo possível, para que ele possa adquirir um conhecimento formal e significativo de forma gradual, prazerosa e satisfatória.

Partindo deste princípio ficou constatado que para a aquisição da escrita é preciso um trabalho que envolva a sociedade, todo corpo docente, familiares e o próprio surdo, pois, precisam estar interligados com o mesmo objetivo. A escola precisa sinalizar todo espaço escolar em escrita de sinais, facilitando a aprendizagem da língua natural do surdo e conseqüentemente favorecendo melhor compreensão na língua portuguesa contribuindo para ele se sentir incluso, dentro e fora da escola.

Por meio deste trabalho foi possível verificar que apesar do Brasil não ter uma escrita de sinais reconhecida oficialmente, a maioria dos profissionais engajados na luta do surdo reconhecem a escrita Signwriting como a escrita da Libras por ser visual e por apresentar a forma mais próxima da língua de sinais. A escrita não substitui a sinalização, mas é imprescindível para o registro e perpetuação da história. Não podemos deixar de destacar que o surdo também precisa adquirir conhecimentos na sua segunda língua o português escrito, portanto ele está inserido numa sociedade majoritária de ouvintes que cobra de seus cidadãos participação constantemente ativa no mundo dos símbolos.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de Sinais sem Mistério**. 1.ed.vli.1. Belo Horizonte:ed.do autor, 2015.

DALLAN, M.S.S. **Análise discursiva dos estudos surdos em educação**: a questão da escrita de sinais, Dissertação de mestrado em educação. Itatiba. Universidade São Francisco. 2012.

_____. **SIGNWRITING: Escrita visual para língua de sinais**. O processo de sinalização escrita. Proferida no II Congresso Nacional de Surdez de São José dos Campos, em 23 de maio de 2009.

FALCÃO, L.A. **Surdez, cognição visual e Libras**: estabelecendo novos diálogos, 5ed. Recife: Ed. do autor. 2017.

GESSER, Audrei. **LIBRAS: Que Língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. 1ed. São Paulo: Editora Parábola, 2016.

NOBRE, R. **Processo de grafia da língua de sinais**: uma análise fono-morfológica da escrita signwriting. Florianópolis: Ufsc, 2011.

SILVA, T. dos S. A. da. **A aquisição da escrita pela criança surda desde a Educação Infantil**. 2008. 227f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

SILVA, F. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais**: signwriting. Dissertação de mestrado em Educação. Florianópolis: Ufsc. 2009.

STUMPF, Marianne R. **Aprendizagem de escrita de Língua de Sinais pelo sistema Sing Writing**: língua de sinais no papel e no computador. Tese de doutorado em Informática na Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

THOMAS, Adriana da Silva; et al. **Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue** – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Grupo de trabalho designado pelas Portarias nº 1060/2013 e nº 91/2013 do MEC/SECADI. Brasília: MEC/SECADI, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=56513> Acesso em 28/março/2018.

WANDERLEY, Débora C.A. **leitura e escrita de sinais de forma processual e lúdica**. 1ed. Curitiba: Editora Prisma, 2015.

Em 2006, foi iniciado o primeiro curso de Letras Língua de Sinais Brasileira – LIBRAS – no Brasil. A Universidade Federal de Santa Catarina está oferecendo o curso para formar professores de língua de sinais. Esta iniciativa atende a exigências legais que requerem a inclusão da LIBRAS nos currículos dos cursos de licenciatura e de fonoaudiologia em todas universidades do país. O programa selecionou 500 estudantes, sendo que 447 são surdos e 53 são ouvintes bilíngües. Esses estudantes estão espalhados em nove estados brasileiros: Amazonas, Ceará, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, representando cinco regiões do país. O sistema de educação utiliza a modalidade a distância, em que a LIBRAS é a língua de instrução com diferentes materiais: ambiente virtual de ensino e DVDs. Além disso, os alunos têm acesso a diferentes tipos de textos na LIBRAS. Toda a estrutura está sendo pensada juntamente com profissionais surdos que são designers instrucionais e demais profissionais. O objetivo é implementar um curso “surdo”, no

sentido de atender ao público alvo do curso, ou seja, organizado a partir das experiências visuais e na língua de sinais. Neste artigo, nós apresentaremos como este curso está sendo implementado.

Breve histórico sobre a Língua de Sinais Brasileira - Libras

As pesquisas da língua brasileira de sinais têm trazido uma série de evidências quanto ao seu estatuto linguístico (FERREIRA-BRITO, 1997; QUADROS, 1997; QUADROS; KARNOPP, 2004). Os linguistas do mundo inteiro, inclusive do Brasil, reconhecem as línguas de sinais de diferentes países como línguas naturais, no sentido linguístico, ou seja, línguas que apresentam as propriedades das línguas humanas. Paralelamente aos avanços científicos, os surdos de diferentes países organizaram-se por meio de instituições representativas para convencer os dirigentes das políticas públicas de que as línguas de sinais são línguas que pertencem a grupos sociais que se espalham por diferentes países. No caso do Brasil, a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENEIS – desempenhou esse papel. Ao longo dos últimos 20 anos, a FENEIS, representando os movimentos sociais surdos brasileiros, estabeleceu como meta o reconhecimento oficial da língua brasileira de sinais. Esse processo culminou com a Lei 10.436, a chamada Lei de Libras, regulamentada pelo Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005, que dispõe sobre a língua brasileira de sinais.